Raymundo Monteiro

AS HORAS LENTAS

1930

Imprensa Publica

MANÁOS - AMAZONAS - BRASIL

Raymundo Monteiro

AS HORAS LENTAS

1930

Imprensa Publica

MANÁOS — AMAZONAS — BRASIL

A Martins Fontes
Como prova de
Amizade e admiração
Este livro
É dedicado

Suivons légèrement le vol léger des Heures

Anatole France.

As Horas Lentas

SEMPRE adoraveis
Na galanteza da Poesia,
As Horas passam, noite e dia,
Hellenamente isadoraveis !

Vagas, subtis,
Pelos crepusculos a fóra,
Bailam, á musica de outrora,
Alçando os véos de nhandutis...

Tapeçaria
Finissima de tuberosas
Pisa o donaire das flexuosas
Bacchantes da Melancolia !

Sobre a floral
Tapeçaria, como hiacinthos,
As lentas Musas de aureos cintos
Movem-se a um sonho ascencional...

Ah ! na belleza
Das attitudes harmoniosas
Dançam, cultuando, voluptuosas,
A eternidade da Tristeza...

Canto Real do Madeira

DE um lado—ameno valle, e do outro lado—ameno
Valle e, sempre, de um lado e do outro lado, ao sol,
O inflammado matiz da floresta—e o sereno
Firmamento a fulgir sobre aspectos de escol !
Euchrómas flores dando ás placidas boscagens
Das varzeas em paineis de multiplas paisagens,
Sorpresas de jardins ! E o ruflado rumor
Dos passaros a voar em cadencia ! E o fragor
Da correnteza contra empecilhos ! E—urente
Esmeralda alumbrando o ouro de um resplandor—
Uma ilhota descendo o rio, bellamente !

Funda, torva, rolando em ondas cor de ceno,
Mal a mal reflectindo os iris do arrebol
E o collo maternal da Noite todo pleno
De medalhas de argento escapas do crysol
Do céo relembrador de longinquas miragens,
A agua crespa rebole á feição das folhagens
Deslisando, caudal, em rumo ao rugidor
Ruido do largo mar num perpetuo furor
Agitado, onde, rouca, a raiva omnipotente,
Bramindo, satisfaça ! E—tufo encantador—
Uma ilhota descendo o rio, bellamente !

Retumbe e ruja embóra—atrevido Sileno—
O trovão, pelo espaço ; e o raio o parasol
Do tronco secular do cedro rasgue ; o threno
(Ora abafado e vago, ora claro bemol)
Dos ninhos florirá em ansias e plumagens
Quando, tepido e suave, o sopro das aragens
Levemente afagar novos sêres e o olor
Das plantas espargir evocações de flor
Pelo seio da Selva—alma da sorprehendente
Paisagem—passará, com fulgido verdor,
Uma ilhota descendo o rio, bellamente !

O temporal retôrça arbustos e o veneno
Da bava a serpe cuspa em cima do aranhol
Iriado, e a chuva cáia em catadupa, e em seno
Tremulo as lianas, do alto, escorram ; e o pharol
Do dia occulto fique, embóra ! nas celagens
Negras, no horror do céo procelloso ! As imagens
Das flores aromaes brilham pelo pendor
Dos barrancos com o mesmo insolito esplendor
Enquanto, euclasa em fogo, impavida e virente,
Deflue—conscia do seu artistico valor—
Uma ilhota descendo o rio, bellamente !

Timido, recatado, humillimo, pequeno,
O meu estro não pode eternisar-se em prol
Da deusa que lhe faz, como a sorrir, o aceno
Alliciante da Gloria ! —Infeliz caracol,
Deve apenas, de longe, esguardar as romagens
Das nuvens, e os cordões aligeros, e as viagens
De fragil montaria indigena—ao vigor
Agil de temerario e cauto remador
Impellida ; e, aggravando a magestade ambiente
E a tristeza do olhar do incola sonhador,
Uma ilhota descendo o rio, bellamente !

Offertorio

O' minha Musa ! Irman das nove Musas ! por
Ti, por teu victorioso e resignado amor,
E' que evóco, rythmando o meu sonho clemente
E proficuo, lembrando a graça de um andor,
Uma ilhota descendo o rio, bellamente !

Trovas

RECOLHO-ME, querida,
Ao teu carinho suave,
Como uma ave
Ao ninho de frouxel.

A minha triste vida
(Não fôra o teu carinho)
Seria o mau caminho
De Lusbel !

O teu perfil de esbôço
Preraphaelita é a bençam
Dos meus versos—que o incensam
Com amor!

Já foste o ideal do moço
E serás do enfadonho
Velho o sonho
Supremo de Arte, flor...

Alma Feminina

ESSE, que ahi vês, altivo cedro, é o mais
Antigo cedro desta redondeza.
Contam que á sombra delle, em tempos idos,
Vinham sentar-se os indios destemidos,
Os bellicosos indios ancestraes,
Nas horas vans da tropical molleza.

Vou derrubá-lo agóra.
E, ella, scismando :—Lendas do sertão...
Historias doces de tristeza... E implora :
—Não no profanes, não !

II

A parasita, que buscava, achei-a.
Ei-la, querida, a tua flor. Pompeia,
Num resplandor de folhas verdes, tal,
Entre esmeraldas, um rubi fulgura.

—A realidade, meu amigo, embaça
Qualquer motivo de contentamento.
Julgava que tivesse menos graça
Mas... mais perfume e delicado accento
Na cor, e mais bizarra contextura,
Joia da selva—a cataleia real !

III

Sabes ?—Fenece o teu canteiro—aquelle
Que mais cuidado te inspirava aos dedos
Finos das mãos com que me acaricias.
Begonias, trevos da Fortuna, esguias
Angelicas de neve o chão repelle...
—Misero chão ! desvenda seus segredos !
Teve ciumes o chão de phantasias...

Pagina do Coração

NÃO quero mais que profiras
Amuada, e cheia de encanto
Grave, que em meus versos canto
Mentiras.

A alta verdade sonora
De nosso amor immortal
Vibra na luz de uma aurora
Ideal !

Os versos que ora componho,
Longe de ti, nestes ermos,
São claros lirios enfermos
De sonho...

E's a alma—a essencia discreta
Das lindas flores, querida !
E aromatisas a vida
De um poeta !

E' só por ti, pelo aroma
Da tua graça sem par,
Que esta quadra é uma redoma
De altar !

Nella irradias, (eu penso)
Santa Ursula ! e derramas
Tua caçoila de flammas
E incenso.

Eu te contemplo—velada
E resplendendo—no meio
Dessa redoma de anseio
Guardada...

Em vez de preces e queixas,
Longos suspiros e olhares,
Envio-te apenas scismares
E endeixas...

Não valem joias opimas
Estas angustias remotas
Harmonisadas em notas
De rimas !

Aureos thesouros desdenho
E toda a pompa do mundo,
Pelo segredo profundo
Que tenho...

Por este amor sobrehumano
—Suave assonancia de lyra
Que em surda raiva delira
De oceano...

Toda te quero assim feita
De neve e sol, membro a membro,
Tal qual um lirio que enfeita
Setembro !

As tuas mãos de açucena
E os teus caprichos de creança
Governam minha esperança
Terrena...

Por isso jamais profiras
Amuada, e cheia de encanto
Grave, que em meus versos canto
Mentiras.

Derradeiro Alento

TRISTE de andar á tuna, em van romagem
Galgando o acclive da Monotonia,
Molesta sorte arrasto, dia a dia,
—Braga de ferro a me impedir a viagem...

Por onde vou, na [illegible]sperrima paisagem
De urzes e ca[illegible]penedia
Que venço a[illegible]do de agonia,
Alenta-me s[illegible] imagem !

O' flor do cardo ! O' graça da urze ! O' nuança
Da tarde no penhasco a prumo !—Lenta
Prolongação da sombra da Esperança...

Por que, por mal de tão cansada vida,
Tua belleza druidica aviventa,
Piedosa, o visco da illusão perdida ?

Distancia

É tudo mar e céo no sonho de Iracema.
Pelas ondas em flor a prôa aventurosa
Levou, como um balsão de chammas, a radiosa
Galanteza do heroe da sua dor suprema !

Triste, buscando em vão—de uma extrema a outra extrema
Do espaço—[illegible], a musa dolorosa
Preme o [illegible] no si—voluptuosa,
Ferisse [illegible] espinho da jurema !

De tanto procurar ao longe a vela errante
A finissima tez resumbra a mágua, o oriente,
O esmaiado matiz das perolas enfermas...

Ouvindo o longo aiar do oceano, suavemente,
Sob o acalento e a paz de uma palmeira aflante,
Sonha Iracema o sonho azul das praias ermas...

Noel

DIFUSA em luar, pela neblina,
Divaga a imagem pequenina
De Noel...
E' como um sonho de menina
O Deus da lenda de Israel!

Na bruma azul do céo de inverno,
A' evocação do amor materno,
Vem e vai...
D[illegible] ouro, como estrellas,
[illegible]nulas tão bellas,
[illegible]i...

A terra e o céo, resplandecendo,
Mesmo em nivor, ardem, tremendo
De emoção !
A aurea presença do Messias
Enche de luz e melodias
O espaço e nosso coração !

Éras a fóra, por milenios,
Enquanto houver creanças e genios,
Como um luar,
Da noite alegre ha de, sublime,
Surgir Noel—remindo o crime
Secular !

Cantiga

E o sol, ouvindo dizer
A's flores o que eu te digo,
Tambem festeja comigo
Teu dia, minha mulher !

Estancias

ESPIRITO gentil do lar, numen jocundo,
Alampada votiva accesa ao doce brilho
Do Sonho, como um sol de primavera, o filho,
A flor, a graça emfim da aspereza do mundo,

Edulcóra a p[illegible]rena e abre horizontes
De oceano[illegible]aos olhos da alma—afflictos,
Onde, p[illegible]a desesperos e gritos
O remi[illegible]s de transmontes !

A' angustia paternal e á caricia divina
Das mães, caricia que é o arminho da ternura,
O filho, torturando e esplendendo, illumina,
Como um sarçal de fogo, o Sinai da Ventura !

No silencio e na sombra em que meditas, poeta,
Folheando com tristeza o ementario tristonho
Da Vida, vê :—teu filho, á tua dor discreta,
E' haste de lirio a arder na chamma do teu Sonho...

Alvorecer

O sol, dourando as arvores, transmonta.
A terra e o céo, na gloria do arrebol,
Enchem-se de alegria e de perfumes !
Parece que, de ponta a ponta,
O mundo é um tabernaculo de lumes,
Maravilhoso, fulgido crysol !

Rutila em tudo a luz da matinada !
O rio é como limpido crystal. . .
Ha sol na pro[illegible] voz dos passarinhos !
A Na[illegible]ertada
Pela algaz[illegible]s ninhos,
Desabotô[illegible]dal.

Madrugador, contemplo satisfeito
O fino friso roseo do cariz...
Meus olhos pasmam no esplendor do dia !
A viração nutre meu peito
De saudaveis perfumes e alegria !
E, homem e poeta, sinto-me feliz.

No alvorecer amavel, na esplendente
Symphonia da rórida manhan,
Bemdigo o Deus do Amor, o Deus da Vida !
E o sol hesita no nascente...
Acordando a paisagem reflorida
Para a alleluia orgiaca de Pan !

Resignação

Tudo perdi na juventude...
Meu coração, como um pomar
Pelo furor do inverno rude
Batido, força-me a chorar...

Mas, resignado, chóro apenas
Por não poder tambem sentir
Essa volupia de emoções serenas,
Essa tristeza que te faz sorrir...

Elsa

Vagas do oceano ululante,
Vagas de cavo fragor
Calmam-se ao fluido possante
Do teu brilho domador !

E as inconstancias humilho
Do Tempo—que perfido é...
E ufano e audaz, ao teu brilho
Navego cheio de fé...

Vesperalia

EM coagulos de sol o horizonte se alenta...
Perdida no ar fretine a cigarra—sumin—
Do infindamente a voz no ouro da tarde lenta
—Surdina de saudade a gemer dentro em mim...

Na paisagem [illegible] perpassa, macilenta,
A lembran[illegible] icticia do carmim;
E, na de[illegible] a que desalenta,
Balsami[illegible] oma do jasmim...

O Madeira, ao longor das margens verdes, canta...
No ludroso crystal das aguas reflectindo
As nuvens... e o fulgor do mysterio christão !

O instante vesperal Venus radiosa encanta...
E—mais clara—resplende... o nosso amor sentindo
Igual ao doce amor de Isolda e de Tristão !

Epinicio

TRINTA e dous annos já... Trinta e dous annos fustres...
Nada hei feito. Perdi meu tempo. Obscura sorte...
Nos pantanos da vida as plantas chafurdei!
E nem siquer colhi as nymphéas lacustres
—O lóto e o matupá que a lua, em seu transporte,
Ama com o puro amor que eu sempre te votei...

Vasias trago as mãos da tentada colheita...
Não bastava ao meu sonho o nosso affecto em summa!
Era justa e precisa a radiosa ambição!
Não tem limites, não, o alor de uma alma eleita!
Os remigios triumphaes expandem-se na bruma
Na ansia de espaço e sol, na ansia de agitação!

Os prelios, que travei, perdi-os... que a Derrota
Os passos me acompanha e meu esforço abate !
Por medalhas ostento a escára e a cicatriz...
A ignota iniciação da minha dor ignota
Faço-a na confusão de incessante combate,
Sem desanimo, sem abaixar a cerviz !

A pênula do Sonho, esfarrapada, no hombro
Meu flammejando como auriflamma de guerra
Torce em rictus de inveja a bocca do burguez !
De pé, na solidão das ruinas, sobre o escombro
Do que eu podia ser, ainda bemdigo a terra
Onde amei e soffri pela primeira vez...

Como compensação da batalha perdida,
Do insuccesso na luta, a graça doce e terna
Vem de um vulto de huri para perto de mim...
E é balsamo que sára esta hiante ferida
A musica—o matiz musical da eviterna
Canção do amor, canção da primavera emfim !

No abrigo—onde refaço os musculos cansados,
Onde penso e produzo estes versos, existe
—Palmeiral do deserto—o pallio do meu lar !
A' sombra delle esqueço os annos torturados...
Meu orgulho de poeta—ó gloria de ser triste !
Tem nesse pallio de ouro um refugio sem par !

Trinta e dous annos já de luta e solitude...
No silencio o arrabil dos menestreis retomo!
Polido, a um canto jaz o amolgado broquel...
Minhas desillusões, em impetos de alude,
Fogem rapidas e desordenadas—como
Os genios maus da noite aos hymnos de Ariel !

Presentimento

QUANDO voltares, amiga,
Encontrarás o jardim
Todo coberto de urtiga...

Das tuas mãos de marfim
Tão tristemente afastado,
Como eu—já soffre sem fim...

Aquelle sitio cuidado
Com mimos sabios e arteiros,
Tem ares de um torturado !

Dava alegria e esplendor
Aos olhos meus e aos canteiros
Tua presença de flor !

E eu e os canteiros, no exilio
A que, sem dó, nos condemnas,
Choramos o sol do idyllio
Que se ennublou nestas penas...

Preludio

EM sua Torre de Marfim
Sonha D. Elsa e diz assim :

—Do astro fulgente, donde vim,
Scintillamentos de rubim
Caem, como flores, sobre mim !

O luar lucente a escuta, o luar
De manso põe-se a murmurar :

—Bella menina, o teu cantar
Mais entristece o meu olhar
Triste de esphinge tumular !

E pensa e diz (musa de prol)
D. Elsa dos olhos de sol :

—A pyra de ouro do arrebol,
Como thuribulo e crysol,
Incensa e apura a alma de escol...

Mas, sob o alvor do luar subtil,
Soluça a magua do alcantil :

—Esguarda ao longe : é manha e ardil
Tudo que vês, Elsa gentil !
E' engano a luz e a treva hostil.

Avulta a rocha negra ao luar
Que a envolve em tunica talar...

E enquanto a noite devagar
Passa, e a lua a desmaiar
Desapparece adentro do ar,

Em sua Torre de Marfim
Sonha D. Elsa e diz assim :

—O luar e a rocha terão fim...
Mas viverá, como Elohim,
O grande Amor de que provim !

Anniversario

No dia de teus annos, companheira
Das minhas alegrias e tristezas,
Tomo do Ideal nas virides devezas
A flor da rima—flor da vida inteira!

Colho-a de leve, que a paixão fragueira
Nem sequer lhe desbote as singelezas,
Os suaves tons das petalas—turquezas
E o arrimo verde da haste fina e aceira!

Em teu virtuoso coração deponho
Contrictamente (é tanto o aroma doce
Do coração e desse mimo de arte)

A violeta symbolica do Sonho
—Como se fosse uma medalha, ou fosse
Um farrapo glorioso de estandarte !

Utas

MORRE, em surdina, a toada
De uma viola magoada...
—Penso na minha Amada.

II

Do alto a lua irradia
Sobre a selva sombria...
O luar parece dia.

III

O rio, amplo e sonóro,
Flor, sabe que eu te adoro:
—A' sua margem chóro...

Consolação

A intensa luta vim do meu recolhimento
Com o sonho audaz á fronte e ao peito a ansia leonina
De vencer ou morrer nesse commettimento
Em que era meu escudo a minha propria sina!

Esfarrapada a Crença—aureo pendão de guerra—
Pelo campo do prelio ardente refulgia,
Como a gloria do sol na esplanada da serra,
Ou como sobre o mar o delubro do dia!

Quando, exhausto, buscava—á sombra da Esperança—
O repouso e o vigor necessarios á luta,
Ao derredor de mim a imagem de uma creança,
Brincando, suavisava a atra paisagem bruta !

E essa imagem subtil de phantasia alada,
Miragem, luz, amor de minha vida triste,
Agora, que venci a batalha travada,
Os instantes de paz, ainda brincando, assiste...

René

NA tua idade, pequenino
Sêr que constrinjo nestas trovas,
As alegrias, como novas
Corças, cabriolam—sem destino.

O bem e o mal, que tu renovas,
Na tua idade apenas são
Lindos motivos para trovas,
Cousas sem significação !

Assim, porque nas minhas trovas
Fallar em ti, travesso amor ?
Como estraçalhas bruxas novas,
Rasgas meus versos—sem furor...

Na tua idade, pequenino
Roldão ! prescinde-se de trovas
E as durindanas, sempre novas,
Abrem clareiras ao destino...

Canto Real da Arvore

GRANDE arvore isolada ao centro do caminho
Que em moroso corcel, dia a dia, a scismar
Em cousas vans percorro—existe ; occulto, o ninho,
Nas ramagens, construiu um passaro sem par.
Plangendo, ouço-lhe a voz tristissima perdida
Na verde confusão da fronde reflorida,
Como se acaso ouvisse o echo da propria voz
Lamentando, la do alto, o meu destino atroz !
E refreio a alimária á sombra pantheista
Da arvore secular istriada de cipós
—A bemdizer o meu nervosismo de artista !

Quando, a pino, o sol fulge, ha trémitos de arminho
E ouro na ramaria esplendida a oscillar
Os recurvos pendões em surdo borborinho
De areia a se mover aos zephyros do mar...
Claras, as flores dão á copa verde a vida
Fluida de uma porção de phalenas em lida
Ao mesmo tempo alçando a surtida veloz
E não voando—querendo ir cada qual após...
Si o incauto vento sópra e uma desprende, a vista
Distraio a namorar-lhe a graça... e penso em nós...
A bemdizer o meu nervosismo de artista !

Panida, á encantação das dryades, sozinho,
Na sombra e no rumor da selva a recordar,
Emento, recompondo-o, o poema de carinho
Sonhado, verso a verso, ao teu claror de luar...
A scena derredor é a paisagem querida
Da Esperança que traz a minha alma illudida
Presa ás tramas iriaes de intrinçado retroz...
Mas, porque, contemplando a tortura dos nós
Que a Natureza impoz a essa arvore, egoista,
Não maldigo o furor do inconsciente feroz,
A bemdizer o meu nervosismo de artista ?

Balança, no sagrado umbror, em desalinho,
A fronde, ramalhando ao vento, a flabellar...
E, pendulo tambem o espirito, definho
Sobre o eléboro em flor do sonho a desvairar !
Do divo sol, em cima, a luz compadecida...
Em baixo, a velludez dos musgos... E esbatida
Por tudo a evocação dos vinhedos de Kós !
E eu fico a me sentir cada vez mais a sós...
Quantas leguas de mim teu amor então dista,
Amada—por quem surge uma raça de avós
A bemdizer o meu nervosismo de artista !

Grande arvore... Comparo o meu fado mesquinho
Ao seu : a mesma dor de solidão—pesar
De solidão nos punge. Esse mesmo remoinho
Que as franças lhe sacóde, ha de, pelo atro algar
Dos desenganos, esbalgir a dolorida
Florescencia lilá da Saudade nascida
Na distancia do azul ; e, á voluta dos pós
Tenuissimos da paina evolando-se em mós
De póllen, ha de erguer, no espaço que contrista,
Tua branca silhueta esguia de albatroz,
A bemdizer o meu nervosismo de artista !

Offertorio

Assim, dona gentil de escorridos bandós,
Senhora do meu rito e do meu verso, os dós
Augmento da existencia—exdruxula conquista !
Sob o largo dossel da mãe dos igapós
A bemdizer o meu nervosismo de artista !

Allegoria

A' memoria do grande Mestre Olavo Bilac

DESCENDO o Estyge, Orfeu, que exalça a Lyra de Ouro,
Canta ; e, á harmoniosa dor da musica divina,
As Furias, refulgindo, accorrem :—que illumina
O Tartaro a presença ignea do Immorredouro !

Acódem a essa voz orchestral que domina
O Tempo e reproduz as ansias em desdouro ;
O ululo e o soluçar da Pythia ; e o sorvedouro
De Delphos marulhando á angustia sibyllina !

Ouvem-no as Furias... E elle, o proprio sêr tristonho
Sentindo resplender, dentro do eterno Sonho,
Como flamma de sons evocadores, arde !

E recórda que foi por Eurydice—pura
E perfeita—que ousou vencer a Desventura,
Glorioso, no apogeu da tristeza da Tarde...

No Rio Negro

Em tanta pompa a vida é uma victoria ; é a luta
Da eterna evolução para a eterna Belleza !
—Durante o dia canta a Alegria absoluta...
Medita, quando é noite, a absoluta Tristeza...

Ah ! nesta apotheose, em que o poder tamanho
Refulge do Creador, plange—em notas refertas
De saudade—a paixão das xacaras de antanho
Sôadas longamente á prôa das cobertas...

Toda a gloria reinol andava em aventuras,
Entrevendo o Eldorado entre as nuvens daqui !
E, por isso, o viajor das florestas escuras,
Vendo-te, cuida ver a aurea Manôa em ti !

Em ti, nova cidade esplendida, a Poesia
O emporio vê tambem de toda a raça humana !
—As maravilhas da chimera de Orellana
Continuam a arder ao sol do meio dia !

O' fulgural diamante em onyx engastado !
O' Manáos, ó Manáos das porvindouras éras !
Na visão do futuro irradias e imperas,
Tu, grande capital de um povo illuminado !

Orgulho do Brasil, ó Terra Promettida !
Amazonico valle uberrimo ! de certo,
O esforço universal, em seculo já perto,
Fará do solo teu o celeiro da Vida.

A esse tempo, em seguro alor, os albatrozes
De magnesium permutarão ricas mercancias
E tu, rio de lenda, ao barulho das vozes
Da urbe, ainda sentirás o sol das puras ansias...

Este sol que me induz á audacia de prever
Ampla, maior Paris nestas palustres zonas...
—Que, sempre, sobre ti, o sol perpetuo, a arder,
Dará lustre e esplendor ás cousas do Amazonas !

Pinheiro Morto

A Emilio de Menezes

TOMBASTE. O furacão, que te esgrenhava a cima,
Esfolhando-a, sem dó, prostrou-te sobre a greda...
E, sem mel nem silhal, das abelhas da rima
O enxame debandou, zumbindo, á tua queda!

Prantivamente voz de oréada segreda:
—O orgulho do pinhal, a gloria deste clima,
Tal o bysso aureolar da teia em que se enreda
A aranha, lá se esfez, com a pompa que o sublima!—

Abriste, ao teu fragor, um claro na montanha...
Procellarias, em côro, enchem de litania
O adyto dos grotões e o marulho das angras !

Glorioso, como um deus vencido pela sanha
De Jove, e a perpetuar o chôro da agonia,
A preciosa resina em balsamo desangras !

A um Poeta que morreu

CANSADO, lá se foi para o Silencio, o Poeta...
O claror, o clangor da Vida, em pleno estio,
E o encanto de trovar em metro correntio
Deixou—á compaixão da Musa predilecta!

Cigarra do verão, cheia de sol, o frio
Regelido temendo á senectude, e a abjecta
Penuria de pedir á formiga repleta,
Morreu—para reter o Sonho fugidio...

E entre altos mausoleus de marmore, olvidado,
Longamente dormir seu somno de troveiro,
Tão ditoso de ser tão mal recompensado !

—O aédo, o tangedor da lyra commovente,
Como um travo sentiu, no pranto derradeiro,
A tristeza de haver cantado inutilmente...

Pastoral

A alma—que anima a paisagem
Crepuscular—
Acórda a verde miragem
Do teu olhar...

Bosque de aloés e palmeiras,
Pelo sol pôr,
Amenisando as canseiras
De algum viajor...

De pobre pária sem rumo
Que busca, a ansiar,
Pouso de sombra... em resumo :
O teu olhar.

E Pan, da flauta encantada,
Dentro de mim,
Solta a canção namorada
Que não tem fim...

Luminosa

BRILHAS, como uma estrella
No azul do céo, tão bella!
Ao teu fulgor scintilla
A bruta argila.

Branca, na estrada aberta
Na savana deserta
A argila, á luz da estrella,
Esplende, bella.

A' luz que fulge e passa,
No mysterio e na graça
Da immaterial belleza,
        Quanta tristeza !

Ao teu clarão de diva
A phalange deriva
Dos poetas—á belleza
        Da aurea Tristeza !

Serenamente estranha
Ao diluvio que banha
As cordilheiras altas,
        Tu não te exaltas.

Bramam as ondas cavas
Debalde ! em que tu lavas
O pó dos pés e as altas
        Penas que exaltas !

Longinqua,—refulgindo
Num firmamento lindo
De tão azul,—és bella
        Como uma estrella.

Idiosincrasia

A luta, em vão á luta impavido me lanço
Cheio de brio e fé !
Em vão porque no ardor da ardua peleja canso
E desanimo até.

Vivem, dentro de mim, em continuos embates,
Um heroe e um poltrão !
Se arremeto com garbo á gloria dos combates,
Logo abandono a acção...

As musicas marciaes excitam-me a coragem
E fazem-me pensar
Ao mesmo tempo na phantastica paisagem
Da neve sob o luar...

Iena... Austerlitz... Wagram... E, ó castigo do inverno!
Borodino e Moscow...
Sou luz—perto do Céo; treva—perto do Inferno...
E soffro tal qual sou.

Para o Annibal Theophilo

NO tumulo em que jaz o teu corpo de athleta
Em bella posição de estatua derrubada,
O Verso plangerá sua queixosa toada,
O' meu querido Poeta !

A musica subtil do Verso, vagamente
Saudosa, guaiará por tua sepultura...
E—talvez—evocando a vida aspera e dura,
Chores o amigo ausente.

ños na luta ingloria—irmãos pela amizade —
ntas horas de dor juntos passamos nesta
ravel soidão que florias com a festa
Da tua alacridade !

Tu sabias sorrir quando soffrias :—davas
Em holocausto ao riso a tua angustia, ó Poeta !
Ninguem vira jamais a victima secreta
Ardendo ás rubras lavas !

Appollo ou Pan—que importa ? Amavas a Tristeza...
E a Musa que nasceu da tua Idolatria
Em villancetes e balladas refulgia
Com suprema belleza.

A Arte pura da Rima—em Rimas celebraste.
A avena de Camões tocavas com pericia...
Doces notas de amor, de mágua e de caricia
Della sempre arrancaste...

E cahiste ao furor de odio estupido—como
Verde pau d'arco em flor que a ventania abate !
—Ruy Diaz, não tiveste a gloria de um combate
No teu ultimo assomo !

Mas—sobre o peito herculeo, ó Poeta, a bágoa e bág
Um principe gentil essencia superfina
Derramou-te, chorando... O' sagração divina!
Fulgirás nessa Mágua...

Foste feliz na morte. As Parcas, namoradas
Da tua compleição—discobolo spartano!
Num fim de Apotheose, em ronda, para o Arcano
Levaram-te, encantadas...

A que passou

NÃO sei porque, Senhora, em tal espanto
O vosso vulto grácil de princeza
Vendo uma vez, tão de relance, a um canto
De rua, me tomei desta tristeza !

Nas retinas pasmadas de belleza
A vossa graça—de tão suave encanto—
Tranquilla e pura esplende em luar, accesa
A' evocação nostalgica do pranto...

Em torno á votiva pedra
Ao culto de Eros erguida,
A aspera urtiga não medra,
Nem a papoula tem vida.

Só rosas de todo o anno,
Perennemente florindo,
Rondam, num circulo ufano,
O altar de marmore—lindo...

IV

No roseiral dos versos da Saudade
O vosso altar demorará perdido,
Como em conto de fadas, esquecido
Da multidão e da vulgaridade!

Melhor será que a vossa castidade
Infalivel de Juno o vão gemido
E a magua do mortal envelhecido
Nem perceba—e nem chóre de piedade...

Tão bella e grave passareis, á quieta
Melancolia da desesperança,
O altar e as rosas esquecendo—e o poeta !

Eu ficarei—talhando a pedra dura—
Em meio ao roseiral em que se cansa
Debalde o meu olhar... que vos procura.

Hyperborea

ENTRE as polares geleiras
Nascida—Aurora Boreal—
Fulges, com suaves maneiras,
No remotissimo ideal
Das minhas rudes canseiras.

Esguia e bruna, escorreita
Nos apertados vestidos,
Como uma deusa, uma eleita
De deuses dos tempos idos,
Reinas, Belleza Perfeita !

Angelus

DESCE a encosta da serra a pastora. O sol cái.
Em busca do redil o rebanho já vem.
Agitam-se, no valle, as arvores—ao ai
Das auras ; e o regato agita-se tambem.

Palpitando, o vergel florido espera o alvor
Macio dos pés della :—ha um frémito subtil
Em toda a natureza, enquanto, a este sol pôr,
Desce a encósta da serra a pastora gentil.

Rondó

PAN, evohé !—De thyrso á mão,
Como animada floração,
Gritam bacchantes, em choreia ;
E satyros, de cópa cheia,
Bradam, cantando :—exaltação !

Vindima ! E á commemoração
Do eterno culto, em communhão,
Tambem Cybele, alto, vozeia :
—Evohé !

Tudo porque nova canção
Tira da avena de ouro, á acção
De nympha pronuba, que o enleia,
O grande Pan que exulta e anseia
Na encantadora sujeição...
Evohé !

Penthesiléa

A Raymundo Moraes

LÓGES... No encalço teu açula-se a matilha...
Rompe azinhága e sébe, e pula, milha a milha,
Sobre vergeis de thymo e mentha, sem cessar,
Farejando o teu cheiro espalhado pelo ar !

Cheiro de thymo e mentha—ó gaudio da matilha
Correndo no clarão do teu rasto a ladrar !

Os espelhos dos vaus partindo na carreira,
Gobelinos do bosque e alfombras da clareira
[illegible]asgando, em alarido, atraz de ti se lança
[illegible]svelteza veloz dos galgos da Esperança !

Relinchos de corcel em afoita carreira...
Fóges... Não tomarás a brida a essa esquivança ?

Susta o galope infrene á borda florea e a pique
Do Amor—que o teu corcel, nitrindo, mortifique,
Um momento sequer, com o freio, a bocca a arder
De uma sêde sem fim de correr, de correr...

Dessa fuga talvez nem a lembrança fique...
—Certo, alguem ficará te esperando... e a soffrer.

Evocação de Paisagem

O poente de ouro
Morre em desdouro
Na sombra vaga
Que o môrro alaga.

O cardo treme
Ao sonho extreme
Da pedra que arde
Na ara da tarde.

O mar violaceo
—Lago do Lacio
A' hora do poente—
Arfa, silente.

A' areia clara
E fina aclara
Um resto ainda
Do sol que finda.

Chorando, a aragem
De que paragem
Volta, á agonia
Da maresia ?

Rochas abruptas
Rasgaram, brutas,
As suas asas
De aroma e gasas...

A curva da onda
Não se arredonda
Na linha rasa
Que ao céo se casa...

Sereno, o oceano
Parece humano...
Tal é a tristeza
Da Natureza !

No firmamento
Vão, de momento,
Surgindo tintas
Quase indistintas...

Tons de amethysta
Florem, do artista,
Nessa hora exangue,
A' vista langue.

E o mòrro escuro
Em vão procuro :
—Vejo somente
Lilás no poente...

II

Tudo recordo...
De novo acordo,
Calmo, sem susto,
O amor venusto.

E soffro. E penso.
A' dor propenso,
Com a usnea da magua,
Scismando, afago-a...

O' lethargia
Da Phantasia !
Teu filtro amargo
Leva-me ao largo

De um mar profundo...
Nelle me afundo
Com esta saudade
Da mocidade !

E a Musa volta...
Coma em revolta
Pela brancura
Da espalda pura.

Vejo-a mais linda...
Quem na deslinda,
Com tal encanto,
Do meu quebranto ?

Lilás é a veste
Que óra reveste
O corpo della
—Estatua bella !

Esguia estatua
De gloria fatua,
Breve, sujeita
A' cóva estreita...

Prantos sem conta
Cáem, conta a conta,
Dos meus estranhos
Olhos castanhos !

O' fado adverso !
Dobra meu Verso
Como a finado
Um sino odiado !

Debalde anseio
Por ver-lhe o seio...
—Vejo somente
Lilás no poente...

Desilludido

NA tortura de ser igual aos outros, nesta
Nevrose de attingir a Perfeição e a Gloria,
Sinto-me envelhecer, taciturno, á illusoria
Esperança—que sei necessaria e funesta!

Endolorido, é em vão que, em puro verso, a historia
De um grande amor pretendo eternisar: á mesta
Torpitude do meu vulgarismo nem resta
Sequer aquella dor que eu não quiz transitoria!

Nem me ficou sequer a elysia dor—aquella
Sacratissima dor que foi do meu enlevo
A genese—e o dealbar da minha Phantasia !

Ai de mim ! neste cháos debalde se rebella,
Succumbindo á saudade, o sonho que não devo
Immolar, sem requinte, á exigente Esthesia !

Noite Morta

GRITA a ronda infernal:—o teu destino é turvo.
Horrido e turvo como o rio encapellado.
E eu escuto em silencio o côro ameaçador...
Mas a altiva cerviz humillimo não curvo
Antes, cheio de dor—Prometheu manietado—
Contemplo o céo e acceito a inclemencia da dor.

Grita a ronda infernal :—a morte tudo acaba.
E' nullo o ideal, é baldo o ideal por que te empenhas.
Onde a gloria ? Onde a paz ? Em meio do escarcéo ?
Finalisa-se o sol ; a cathedral desaba
De marmore ; a floresta admiravel e as penhas
Desabam !—E eu me quedo a contemplar o céo...

A Crysfal

EM plena floresta virgem
As cantigas de Crysfal
Recito—e augmento o meu mal!
Umas ás outras se cirgem,
Na talagarça da Dor,
As delle e as minhas cantigas...
—As maguas são muito amigas
Nas desventuras do amor...

Musica de Camara

O nocturno expirava—ás mãos evocativas
Da Musa amortecendo em pausas emotivas...

As rosas, no azulor das jarras, suavemente
Sensorisadas, escutavam, pensativas...

Na penumbra da sala a violeta do poente
Desmaiava a lembrar volupias afflictivas...

Ao soluço final do nocturno, á saudade
De outrora, vi, pensando, as maguas redivivas,

Libelulas do amor, voando na immensidade
Dos accordes, dos sons, das notas expressivas...

Insomnia

PARA a nocturna treva amplas janellas abro
Em lassa lentidão de langor e de tedio.
Smorzando, o euro soluça, em surdina, o epicedio
Da distancia, e endolóra o silencio macabro.

A' incerteza visual emerge em descalabro
A rua. A casaria, e os postes—de intermedio,
Lembram velha cidade em vespera de assedio:
—Soldados a velar nichos com candelabro.

Ah ! nessa evocação de uma cidade antiga,
No sobrenatural aconchego da treva,
Esqueço por completo a belleza da Amiga...

Esqueço-a, emfim, na paz destas horas de calma...
Alheio ao detramar da bruma que se eleva
Do mysterio da noite e do silencio dalma...

A Caridade

NA alva estamenha de freira,
Toda recato e pudor,
Entra o hospital e a trapeira
A irman do Amor e da Dor !
O seu sorriso é uma flor
Que aromatisa a pobreza
E dulcifica o amargor
Acerrimo da Incerteza.

Leva nas mãos de fiandeira
Os brocados de valor
Que o seu genio—de maneira
Excelsa—da alba ao sol pôr,
Teceu—para os sem amor...
Ah! seu olhar de princeza
Longinqua afasta o negror
Acerrimo da Incerteza.

Por onde vae—mensageira
Do Deus Reconfortador,
Alumia a alviçareira
Alampada do Senhor
Com vivissimo fulgor...
Ella conduz sempre accesa
A Fé que abranda o torpor
Acerrimo da Incerteza.

Offertorio

Por estes dias maus, por
Estes dias de crueza,
Vem minorar o pavor
Acerrimo da Incerteza...

Villanela

TATÁ Level, genio e menina,
Com o alto prestigio da Arte e a graça
Da edade em flor, pasma e domina.

Quem se embeveça á tecla fina
Vendo-lhe as mãos de ebur sem jaça,
Tatá Level, genio e menina,

Prevê que ao triumpho se destina
E á gloria que se não esgaça
Leve, subtil, como neblina...

Ao proprio Schumann, na surdina
Da angustia musical, embaça
Tatá Level, genio e menina !

Faça-se, ao piano, Melusina...
Erato, Erynnia e Hebe se faça,
Na arte em que excelle, e em que é divina,

E' sempre grande a pequenina
Musa do Som que jamais lassa...
—Tatá Level, genio e menina,

Leve, subtil, como neblina...

Utas

As arvores dos caminhos
Curvam-se cheias de ninhos...
—E nós passamos sozinhos.

II

Sóbe, cansada, a ladeira
Da montanha, a pegureira...
—Imagem da vida inteira.

III

O meu jardim, ao sol poente,
Parece que fica doente...
—E' como o sonho da gente.

Desespero

PELO intenso fulgor dos teus olhos padeço
A tortura sem fim de uma doença infernal!
Ninguem sabe, Medéa, onde a dor tem começo,
Nem onde acaba a dor dos que buscam o Ideal...

Depois que o meu amor em estancias fulgura,
Cada verso é um gemido e uma angustia secreta...
E na pausa feliz de uma inutil cesura
Arde o anseio e flammeja a loucura do poeta!

Por tuas finas mãos asceticas meu sonho
Foi lançado na mais tremenda escuridão...
E em vão retorno o olhar para o passado e o ponho,
Avido, na fallaz miragem da Illusão...

Agora essa illusão é estrige pavorosa
As asas agitando em vôo exhausto... E tremo,
E odeio o coração que te adorou, formosa,
Com religioso ardor e voluptuoso extremo!

Eu sei:—teu coração é labaro de rendas
E fitas feito para as campanhas do Amor...
Mas nunca, drapejando ao léo, por sobre as tendas,
Ha de lembrar o surto e o pairo do condor!

Irás, de gloria em gloria, á derrota escondida
Perfidamente nuns verdes tufos de louro...
Então, quando o pavor da primeira ferida
Em neve transformar esses teus bucres de ouro,

Na rosa do teu corpo a alma afeita ao commando
Da carne ha de coaxar como uma ran qualquer!
E eu, libertado emfim do teu collo, cantando,
O amor celebrarei de outra bella mulher...

Cruel, si em meu desvaire algum dia pensares,
Tu que vives tal qual uma deusa—adorada,
Deixa, alegre, explodir, chispando pelos ares,
Da gorja de crystal, o sol da gargalhada !

Heroe de França

AO trom de grossa artilharia,
Sobre o livor da gleba fria,
Entre horizontes de fumaça
Alçando a insignia do paiz
—Balsão de seda tricolor—
O moço heroe, cheio de graça
Divina e de bravura ultriz,
Immortalisa o seu valor.

Só—na sangueira circunstante
Vendo morrer, de instante a instante,
Os abatidos companheiros,
Ouve, á distancia, num tropel,
Em rude avance, os batalhões
Que vêm cantando hymnos guerreiros...
E, bello, entôa, como Ariel,
Canções de amor, claras canções.

E' como um deus da Grecia o jovem
Heroe em torno ao qual já chovem,
Estrellejando, as bombas. Grande,
Da gleba no algido lençól
Imprime a fina sombra hostil
Da fina espada que ainda brande...
—Pallido, em céo de cinza, o sol
Inveja o ephebo varonil !

Mas, de repente, rodopia...
Sobre o livor da gleba fria
Sangrando, e em purpura deitado,
Succumbe ;—a insignia do paiz,
Forte remigio tricolor
Partido, estende-se a seu lado,
Rubro... porém—hora feliz—
Aberto em manto protector...

Vesperal

NUM fim de occaso melancolico
Tua presença relembrei...
Em que pensava já não sei.
No teu perfil de anjo symbolico?
No lindo sonho que sonhei?
—Tua presença relembrei
Num fim de occaso melancolico...

Nevrose

MEUS versos, como o feixe igneo das sarças biblicas,
Ardem, vibrando. E eu soffro... A chuva cai lá fora.
Gota a gota eu a conto e, aborrecido, agora,
Em vão sujeito ao metro as phantasias rythmicas.

Em vão porque, sem nexo, em rimas assonantes,
Os versos bambamente e frouxos fluem exdruxulos...
Este dia de chuva é a magua dos crepusculos
E a synthese da dor exhausta dos amantes...

Pobres versos de inverno, exquisitos e querulos,
Fontanas de crystal, sombras christans de nichos...
Vagamente evocando o pranto dos esguichos,
A monotona chuva escorre em fios tremulos...

Meus versos... O' tristeza... O' clara dor exposta
Aos insultos do Tempo... O' clara dor dos Marmores !
A intemperie que obumbra a gloria destas arvores
Transe a musa vernal do meu Sonho—e a desgosta...

Amphoral

ANTIGO vaso! a Grecia, que recordas
Com a esvelta graça do teu collo esguio,
Celébra em ti, no sonho que transbordas,
A doce ebriez translucida do Chio!

Effeito de Sol

EUGE ! Euge ! O sol entranha—
Se em tudo e de tal fórma
Que em arco-iris transforma
Filosellas de aranha !

De uma rama a outra rama
As arvores da rua
Filigranando—estua
E os aranhoes inflamma !

De tal maneira incide
Nos aranhoes e franças
Que se reflecte em nuanças
De ouro e diamante, á lide !

A' luz do sol a pino,
As arvores e as teias,
Refulgindo, estão cheias
Da illusão do destino...

Lunar

PALLIDA, no silencio azul da noite fria,
As arvores nevando e os telhados, a lua
O aspecto natural das cousas attenua...

Assim, ao teu pallor de estatua, quando perto
Demoravas de mim, florindo o meu deserto,
Tudo, como um lilial em florescencia, eu via...

Flammas

AURORA. Vermelhão de incendio. Fogo e brados.
Ardendo no claror das chammas auroraes,
Como um louco tritão incandescente, o "Paes
De Carvalho" deslumbra os peixes assustados !

Circundando o vapor flammivomo, queimados,
Allucinadamente os echos matinaes
Despertando ao pavor de dissonancias taes,
Morrem, na grande luz, sêres desesperados !

Flammejantes florões festoando á tona da agua
Recordam, na ignição primeva, fragua a fragua,
Milhares de vulcões abrindo em rubros lises !

Alvorece. Ao rosear da antemanhan, lá no alto,
No longinquo azulor do céo que tanto exalto,
Vesper têm por brandão mortuario os infelizes...

Rondó

IGNOTA Musa :—a Primavera
Sorri nos pampanos do Outono,
Moça, revendo-se no entono
De Fructidor, que reverbera.

O Estio em flammas encarcera
O coração de quem espera,
Ignota Musa !

A vossa formosura impera
Ainda, soberana, em throno
De ouro ; e, ao fascinio da Arte, gera
As rosas de um jardim sem dono,
Ignota Musa !

Saudade

DAQUELLE tempo, do perdido
Tempo da vida, que não volta,
Meu coração desilludido
Ainda recorda, commovido,
O que era paz e era revolta...

Paz e revolta... não procuro
Definir bem essa lembrança !
Naquelle tempo o meu futuro
Era um corymbo prematuro
A' mão graciosa da Esperança.

Evóca o idyllio á sombra florea
E fresca do contentamento,
Aquelle idyllio da Memoria
Com a Phantasia merencorea
Que veio e foi tal qual o vento !

E pulsa, langue... Que te importa,
Fata Morgana da Bohemia,
A apparição da idade morta,
Si te perfuma e reconforta
A acre bafagem da Blasfemia ?

Si o teu profundo tedio fére
Sonoramente a fibra ductil
Do coração que ora desfere,
Sem que os compassos accelere,
Esta ballada quase inutil ?

De quase inutil, abafada
Em frenesis de gritos altos,
Esta amarissima ballada
De intima angustia concentrada
Em concentrados sobresaltos !

Daquelle tempo, que esqueceste,
E não esqueço por castigo,
O guizalhar festivo, neste
Exilio meu soturno e agreste,
Escuto... quando estou comigo!

Lua

ENQUANTO a lua—reflectida
Pelo sereno rio—vaga
No céo, relembro o vulto da querida
Cuja gloria meu verso ama e propaga...
E dentro em mim, voltada sobre a vida
Sonora de minha alma, vaga
Sua lembrança reflectida...

Symbolo

O auriverde pendão tremúla ao vento,
Largo, ondulando no alto da montanha.
Defluindo em nuanças e deslumbramento,
O ouro do sol nas arvores se entranha.

A flammante caudal do firmamento
Abras, e escarpas, e cimeiras banha ;
E o cacto, e o musgo, e o feto, e o cardo—alento
Haurem da seiva da planicie estranha.

Da seiva da planicie que se entrega
Humilde, na riqueza do seu humos,
Numa promessa de eternal colheita !

E enquanto, em cima, alcandorados rumos
Suggere a insignia, em baixo, em pompa, séga
A opulencia do solo, a gente eleita !

Paraphrase de Sully Prudhomme

TU, que escutas sem medo o que eu digo da Morte,
Porque a tua esperança é um augurio de paz
E o somno começado em seu breve transporte
No radioso paiz dos astros se desfaz,
Meu voto guarda—quando eu for saber da algente
Precursora si a tua esperança não mente.

Jamais em derredor das lapides sagradas
Cultives os rosaes e as dahlias varonis,
Nem lirios—porque têm raizes despiedadas...
E eu quero suavemente umas plantas gentis...
Daquellas sentirei apenas o profundo,
Funebre apunhalar das cousas deste mundo!

Das dahlias em logar, dos lirios e das rosas,
Escandalos triumphaes da gloria do arrebol,
Planta perto de mim volubilis graciosas
Que, subindo ao longor das rotulas, ao sol,
E rendilhando o azul em que andam phantasias,
Ostentam um jardim nas tuas gelosias.

Dos meus restos mortaes veladoras de sonho,
Flexiveis, saberão procurar-me... com a dor
Da saudade buscando o meu nada tristonho...
Flores do coração, cada sentida flor
Do tumulo vulgar brotando como um beijo,
Ha de rememorar o que foi meu desejo !

Sonho Exilado

DESAMPARADO e só—mas resignado e triste,
No presidio da Dor supporta o seu fadario...
Nessa desolação nenhum consolo assiste
A' agonia final do Sonho solitario!

Nas muralhas de pedra o Mar da Vida espuma;
Arfa no escuro céo a furia da tormenta...
Nem sequer bruxoleia a almenara nevoenta
Que dubiamente aclara o mysterio da Bruma.

Estertora, na treva, abandonado, o Sonho.
As ondas, em furor, perturbam-lhe a agonia !
Quebrou-se o encantamento da Cavallaria
Andante no escarcéo do pelago medonho !

Do bem que desejou á ingrata Natureza
Não vê tornar-se em fruto a flor que, com cuidado,
Em horas de alegria e em horas de tristeza
Livrou de todo o mal que a houvesse profanado.

Morre desamparado e só ; morre no exilio...
Perece como nau batida dos escolhos...
—Dando á morte a illusão benefica do idyllio,
Mão piedosa não cerra os seus pisados olhos !

A um vencido

ANDANDO, na calçada, aos cambaleios, traças
Curvilineas e, no ar, com o indice, desenhas
A lembrança talvez das venusinas graças
De um corpo que foi teu e que afinal desdenhas.

Segues. Por onde quer que sigas, desgraçado,
Vai contigo o pavor da tua sombra esguia...
Mas ha pelo teu sêr, como um poente velado,
O enfaro da alegria e da melancolia.

Resquicio de razão no chaos dessa demencia,
A enganosa esperança ainda agora te illude
E no espirito afeito á morbida impudencia
Fulgura—como o luar sobre floreo palude !

Encova-te o semblante, arando-o, a angustia. Eu vejo,
No teu olhar de Hamleto, uma Ophelia chorando...
E prosegues—alheio ás ascuas do Desejo ;
E gritas—blasphemando e/ris—gesticulando.

Sombrio Napoleão da suprema batalha !
Quando arrastas sem pena, esqualido, o teu vulto
De paria, pela rua, atira-te a canalha,
Em pugilos de lama, a synthese do insulto.

A's vezes, psalmodeando em surdina, recitas
Versos lidos outrora, ao crepusculo, versos
Que encheram de saudade as primeiras desditas
Do amor aberto só para fados adversos...

Occorre, então, na rua, um episodio estranho :
Certa elegante pára, escutando ; parece
Comprehender-te. Depois... Nos seus olhos apanho
Vaga piedade que dentro delles se esquece...

Fica, prantiva, atraz da amante inesperada,
A ansia de um triste amor perdida no perfume
Tenue do pó de arroz, da pasta nacarada,
—Leve perfume que é tambem quase um queixume...

Não a viste partir, não sentirás a ausencia
Da alma que te quiz bem nesse momento. O' paria !
Resquicio de razão no chaos dessa demencia,
Illumina teu sonho uma dor solitaria...

E' preciso perdoar e esquecer as blasphemias
Ouvidas no clamor tumultuario das tascas...
As esbornias de fel das esturdias bohemias
Têm uma causa—como as sinistras borrascas !

Surdina

QUERULO dobra no ar
O sino da Matriz...
Comprehendo o seu dobrar :
Alguma cousa diz.

—Oh ! não diz nada, no ar,
O sino da Matriz !—

O vento geme triste
Pelo telhado, pelos
Esvãos da casa, ouviste ?
E sobre os teus cabellos...

Illusão... Tu nada ouviste
Ao pobre vento triste...

Vai o poente a morrer
Num desmaio lilás...
Ninguem para o valer
Existe ? E Deus—que faz ?

—Desfallecer... Morrer
Num desmaio lilás...

Ballada

ERA uma vez uma Princeza...
Mais bella não podia ser!
Nasceu no reino da Tristeza,
No da Alegria foi morrer...
Aborrecida de viver.
Principes e pagens porfiavam
Na ansia de ver se conquistavam
A gloria azul do seu olhar...
E todos elles se cansavam
Inutilmente a batalhar!

Certa manhan, pela clareza
Quase lilá do alvorecer,
Numa berlinda, com presteza,
Para este mundo percorrer,
Partiu—sorrindo de prazer.
E velhas aias soluçavam...
E airosas damas acenavam
Com as talagarças do tear...
Ai ! dos que a tôa definhavam
Inutilmente a batalhar !

Chega á marmorea fortaleza
Da capital de um reino a arder
Enthusiasmada pela proeza
Que vai seu rei logo fazer.
A pobre o vê... Ha de vencer,
Ha de ! seus labios murmuravam.
Mas todos morrem, que lutavam,
Nessa peleja singular...
Os mais valentes se finavam
Inutilmente a batalhar !

Assim meus olhos desejavam
Os teus sorrisos... e choravam !
Quando chegaste, em nevoa e luar...
Eram tal qual os dos que andavam
Inutilmente a batalhar !

Maria Amelia

A J. F. de Araujo Lima

(Musica de Mozart Donizetti)

BEM á maneira de Verlaine
Floresça o Verso de Louvor
Pela pulcherrima Selene !

Abra-se o Verso em rima de ouro
Para, em apuros de lavor,
Conter o celico Thesouro !

Vossa belleza balsamisa
O coração que, triste e infrene,
Sem esperanças agonisa...

Bem á maneira de Verlaine...

A uma Dançarina

MUSA !—Libelula divina !
Tua belleza musical,
Ardendo em rythmos, alucina
A multidão sentimental !

O' terra-cotta de Myrina !
O' bayadera do Nepal !
Floresce, em tua fescenina
Graça, a eurythmia virginal !

Teu leve corpo de Aphrodita,
Flexil, no alor da dança, imita
Aereamente flamma e flor !

Bem mereceras, voluptuosa,
Dançar nas rimas e na prosa
De Paul Verlaine e Saint Victor !

Marmore Antigo

FALTARAM—na belleza de Aphrodita—apenas
Os braços... e o pudor do gesto que ficou
No sonho ou no cinzel fatigado do artista.

Deusa incompleta! O sol que ainda redoura as s[illegible]
Da Grecia, monte e val, no seu gyro levou,
Irrealisado, o ideal do poeta anatomista...

Perfeição procurada através das idades !
Tortura perennal de estatuarios e eleitos !
Divinisa a melhor das humanas saudades
O esplendido senão dos seus membros perfeitos !

Apollo, conjurando a sanha ás potestades,
Ergueu-a, como um lirio,—ó Psyche dos Defeitos !
Sobre os templos pagãos das illustres Cidades...

Num Album

VELHO segrel desencantado,
Triste segrel desillludido,
Não mais harpeio o Verso amado...

Desfeito o encanto, e já perdido
O gosto de rimar, não devo
Apparecer como vencido !

Mas—por amor do meu enlevo
De outrora e vosso gesto amavel,
O cálamo retomo—e escrevo...

Ah ! vossa graça é ineluctavel !

Saudação Natalicia

A Benjamin Lima

AÉDO, sem philaucia
De fórma, ou de intenção,
Offerto, agora, Mestre,
Em rima, o coração.

O coração do poeta
Na salva do escanção !

Pouco vale, de certo,
Esta contribuição
A's grandes homenagens
Que outros te renderão !

Tão pouco vale, ou nada,
Discreta admiração !

Mas, Principe ! consente
A' minha devoção
Que te offereça, nesta
Sincera estrophação,

O coração do poeta
Na salva do escanção !

A' beira do Rio

ESPALHA-SE no céo, nas arvores, no rio,
Na grama do terreiro e nos olhos da gente,
A tristeza lilá deste poente de estio !

O gado, que recolhe ao curral, de repente
Os impetos abranda ao instincto bravio
—A rosacea do occaso olhando vagame

Hora da Evocação, sagrada e commovente !
Das flores da floresta exhala-se o amavio...
No grande funeral tudo o que vive sente
A tristeza lilá deste poente de estio...

Andrómacha

ILION... Azulor de rhapsodias... Ruina...
Muralhas de Neptuno e Apollo... O resplendor
Do prelio... O Egeu descanta a Iliada, em surdina...
—Homerida, eternisa a agonia de Heitor...

Priamo, o velho rei... Cassandra, que alucina
O oraculo, gritando a derrota, em pavor...
O hoplita... A catapulta... O panico...
Achilles—como um deus... E Sinon—o

Ajax... Idomeneu... Diomedes... Menelau...
Nestor... Agamemnon... Ulysses... Philoctetes...
A Grecia—o ouro armorial do seu campo de blau...

Andrómacha... Só tu, porém, que—pura joia!
A belleza da tua homonyma reflectes,
Ainda illustras de amor os escombros de Troia!

Infelizes

SEMPRE afastados vivemos
—Como dous astros malditos
Em infinitos
Extremos !

A trajectoria da Vida
Traçamos—numa carreira
De dolorida
Canseira !

O rastro sigo-te em ansia
E me procuras, radiosa,
Na nebulosa
Distancia...

E, assim, Longinqua ! soffremos,
Eternamente precitos,
Em infinitos
Extremos...

La Ville de Boulogne

TORMENTA. Ululo e treva. Abysso e espanto. Rondas,
Bulcões de nuvens, como Erynnias. Em demanda
De ancoradouro cabeceia, em sarabanda,
O brigue, no sabath dos ventos e das ondas.

Tocam parceis e perdem-se em peraus, as sondas...
No tombadilho alguem, museando, á terra manda,
No horror de Caliban, a graça de Miranda,
A arrancar do escarcéo Cypangos e Golcondas!

Naufragio. O temporal vencera... Albor de dia.
Entre os mastros—um corpo e o linho do velame,
Como algas a laivar de sombra a maresia...

Depois... o cantochão do Atlantico, e os soturnos
Versos dos palmeiraes guaiando, estame a estame,
Nas angras, ao longor das praias, em nocturnos...

Phantasia

LANGUIDAMENTE no encosto
Da poltrona aconchegada,
A Amada
Sonha que tem sobre o rosto
Um bando de borboletas
Facetas.

Sonha e sorri docemente...
Ah! si soubesse, acordando,
Que o bando
De borboletas é o ardente
Enxame dos meus desejos
Em beijos...

Pelo Occaso

SOB o silencio da bruma
Esvai-se a espuma na praia...
Antes minha alma se esvaia
Como a espuma !

Triste tambem, triste, o oceano
Soluça continuamente !
Mas o que sentes, não sente,
Peito humano !

Esta esperança infinita,
Este mysterio, esta magua,
No espelho tremulo da agua
Não se agita...

E' sempre o céo de turqueza,
De jalde, opala e esmeralda,
Que á salsa tona desfralda
A tristeza...

Entanto, o enfaro sem termo
E a duvida, noite e dia,
Fincam a cruz da agonia
No teu ermo!

Si a intemperie, ás vezes, guaia,
E o espaço, em furia, azorraga,
Para refugio da vaga
Surge a praia...

Apenas perto—se esfuma,
Sitio que sonhas, a Calma...
Antes se esvaia minha alma,
Como a espuma...

A Portugal

VÉLIVOLA galera lusitana,
Veloz, vencendo o encanto do Roteiro,
Da nave que ao Brasil chegou primeiro
Reproduziste o sortilegio, ufana !

No Zodiaco o rumo alviçareiro
Dos Hippogryphos retraçaste ; e, insana,
A ardentia estellifera espadana,
No fulvo rasto, lucido chuveiro !

A Phantasia—que açorou teu surto,
Ganhando a Bóreas o caminho do Ar,
Tornou, para a Saudade, o espaço curto...

E as tuas alas de albatroz—abertas
No azul do céo, recordam : sobre o mar
Das naus, triumphante, a Cruz das Descobertas.

No Rio Machado

A margem do Machado, em Bom Futuro, ouvindo
O espalhado fragor da cachoeira bramindo
Por entre a confusão das ilhas de araçás
E ingaranas tremendo á furia tumultuosa
Da potente caudal, penso na dolorosa
Sorte minha de poeta exilado e sem paz !

Em paisagem tão bella o meu sonho blasphema...
As estrophes reveis do torturado poema
Gritam nervosamente os segredos da Dor !
Mas, fechando no peito as angustias que sinto,
E abafando o clamor das revoltas do Instincto,
Enlevo-me a scismar no amor, no meu amor...

E' bem tal qual o occaso a reflectir-se na agua
Do rio em frenesim—este extase da Magua !
Esta syncope ideal do meu destino ruim...
A par de tanta luta—o desmaio da tarde !
As flores do pau d'arco, em frente, em aureo alarde,
Contrastando com o poente em cinabrio e carmim !

Cada pedra emergida é um remanso, é uma pausa
Na corrente brutal do rio que, sem causa
Apparente, remoinha. Os occultos parceis
Formam tambem, a quando e quando, algum remanso...
Toda a fadiga tem um'hora de descanso,
O' potente caudal que rapida correis !

Da ribanceira a pique olhando em baixo o rio
Eriçado de mil escolhos e macio
Defluindo no estirão, prefiro a sorte exul...
Antes ser como elle é, desesperado e pleno
De empecilhos sem conta—a semelhar o ceno
Espelhante de sol do parado paul !

Visão

Passa tão triste... Elfo errante
Das lindas landas da Lenda,
Busca, talvez, inconstante,
Outra caricia, outra tenda...

Passa... O crepusculo, quieto
E gris,—Verlaine do Espaço—
Ama o perfume discreto
Do seu moreno regaço...

O céo piedoso estremece
Ao vê-lo assim, pelo occaso,
Como a espiral de uma prece
Que se evolasse de um vaso!

Na bruma, rythmicamente,
Agora, some-se... O' Magua!
Por que minha alma dolente
Não é musgo, não é fragua?

Outono

DAQUELLES versos que a Musa
Da Saudade abriu em flor
Talvez recordes, confusa,
A ultima estancia de amor...

Mulher—como outras mulheres
Que outros aédos amaram,
Os versos lês, que preferes,
Com os olhos que os inspiraram...

Olhos de sonho, broslados
De suaves poentes... Teus olhos
Que divisaram prateados
Fios de praia em escolhos !

Nestes escolhos agudos
De minha vida fatal
—Vida eriçada de mudos
Soluços pelo Ideal...

Nocturno

A luz da vela
—Amarela
Pepita de ouro—
Fulge e se estrélla,
Como um thesouro,
O castiçal
De crystal.

Ha turmalinas
Pequeninas
E azues diamantes
—Varias, divinas
Nuanças cambiantes,
No castiçal
De crystal.

O Ideal nascido
De um gemido
Da Mocidade
Brilha, polido
Pela Saudade,
No castiçal
De crystal.

Revejo, pura
Formosura !
A nossa magua,
Numa brancura
De pingo de agua,
No castiçal
De crystal.

Flammeos amores
—Esplendores
Da Luz Gloriosa—
As Sete Cores
Brincam na rosa
Do castiçal
De crystal.

Ascuas, scintillas
      De pupillas
Chispam, radiando...
Eu, por senti-las,
Fixo-as, fixando
O castiçal
      De crystal.

De uns olhos graves
      (Como naves
De claustro) a sombra
Dos cilios suaves
Opprime e ensombra
O castiçal
      De crystal.

Fito, parado,
      No agitado
Iriar da vela,
O meu cansado
Olhar se estrélla
No castiçal
      De crystal.

Desalento

PROCURO a solidão e a paz neste retiro.
Estou cansado. Quero a paz e a solidão...
Lutar ? E para que ?—Si ao proprio céo prefiro
Sete palmos de chão !

Na vida apenas vejo o confuso horizonte
Que se apaga na extrema ondulação do mar !
Em vão revolvo o olhar para o outro lado—um monte
Intercepta-me o olhar.

Antes á terra bôa o meu corpo entregasse
E nunca mais sentisse o coração bater !
E nunca mais pensasse ; e nunca mais sonhasse
Com o que não pode ser !

Mas preciso lutar sem treguas :—é preciso
A todo transe agir como um batalhador...
—Ha torturas de sol na volupia do riso
E o poente é minha dor...

Sésta

AQUI, neste recanto impervio da floresta
Virgem, á sombra em flor de uma arvore copada,
Penso na minha dor e a esqueço—enquanto a alada
Fila das aves corta os claros da floresta.

Officia o ritual do Silencio, as folhagens
Luzentes agitando, o Vento. Eu sonho. Eu penso.
O humus da terra sóbe em volutas : é o incenso
Lithurgico da Sombra ás sonoras folhagens.

Polychromos cordões de insectos zumbem. Tremulos
Escorrem os cipós dos galhos retorcidos.
Ha queixas no rumor dos echos e ha gemidos
Na plangencia subtil dos arvoredos tremulos...

E' um thuribulo a Selva... E o Céo está distante!
Perdem-se, á tôa, no ar, os perfumes da Terra.
Debalde o Sonho olvida a angustia que elle encerra...
E' inatingivel, como o Céo, o Ideal distante!

D. Quixote

TRISTE Figura, em seu corcel,
De monte a val percorre a Hespanha...
Nada lhe applaca a viva sanha
De combater o injusto e o infiel.

No elmo de ferro sem laurel
O ouro do sol fulge e se entranha...
—Que só lhe entende ansia tamanha
O deus do celico dossel!

Se aspas de moinho avultam no ar
E por encóstas de collina
Ovelhas e anhos vê pastar,

Triste Figura, com furor,
A lança apresta, que o domina
A paranoia do valor !

Mancha

IMPETUOSO no inverno, o Madeira é—no estio,
Murmuro e suave como um regato macio...

Lindas praias de areia argentea, em longas filas,
Emergem do alveo das suas aguas tranquillas.

E dellas ao redor as ondas somnolentas
Balançam-se á cadencia ideal de valsas lentas...

Igneo, o sol, a fulgir no azul de um céo tão alto,
Na adorada floresta halos põe de cobalto.

De euclasas em fusão é a paisagem no estio !
E o Madeira flue como um regato macio...

Mirary

NA minha solidão, no meu desterro, agreste
Retiro florestal de silencio e de faina,
Onde, ensombrando o sólo, a ramalhuda paina
Apoio ao ninho cede e á parasita, neste

Bellissimo logar que os temporaes amaina
Do soffrimento ultriz, e ao extase celeste
De candido burel monastico se veste,
A aspereza da Vida a Arte do Verso aplaina!

Horas fico a espreitar o turvo rio, o largo
Rio que corre para o Atlantico distante,
Levando na caudal barrenta o pranto amargo...

A' dor do pensamento exsurge a doce rima...
Ah ! nesta solidão, como um cego, confiante,
No baculo do Verso o meu sonho se arrima !

De-Volta

DEPOIS de longos annos chego á tua
Casa perdida entre jasmins e lianas.
A' estreita porta bato... Nas ufanas,
Alvas paredes tambem bate a lua!

Nas arvores do parque se insinua,
A' dubia claridade a que te irmanas,
—O' tentação das orbitas profanas!
Difundindo-se em sombra, nympha nua...

A' proporção que se desfaz em sombra,
Sob o dossel das arvores, se eleva
O teu phantasma—da florida alfombra...

E a tua porta se dilata numa
Escadaria de mansão medieva,
Minha Saudade, ó Castelan da Bruma !

Hibernal

MONOTONIA. Tedio. Horror da noite. Horror
Deste lento evolver dos annos ; do vigor
Que ostento a rebrandir a Hauteclaire encantada
Do Sonho ; de perder a batalha travada...

Teterrima estação ! Primavera sem flor...
Pobre outono sem fructo... Estio sem calor...
Odio, nojo, esperança inutil, resignada
Desesperança... E a noite agonisa, enfarada.

Turvas horas de tedio intoleravel ! Dor
De querer para sempre adormecer no algor
De um recanto qualquer do recinto do Nada...

A noite, a longa noite agonisa. O' pavor
Da noite sob a chuva ! O' tristeza ! O' langor
Da alma que se afadiga em vão, desesperada...

Beatrix

AMAVEL—brilhará, no tempo, redivivo,
O gesto que plasmou, na greda vil, a graça
Do sonho, a memorar a dantesca desgraça,
—Pensativa, Beatriz olhando o Pensativo.

Adagio do desejo, o doce ideal, esquivo
E eterno, ao resplandor da arte eterna, perpassa,
Querençoso, no olhar e no cenho que embaça
A tortura de ser menos homem que divo!

Bellas, esplandecendo em éstos de piedade,
Afflictas mãos de maga, espertas e compridas,
Creastes, maternalmente, a illusão da bondade...

A' vossa exaltação, dos intimos degredos,
Dirão, sem esperança, as almas succumbidas :
—Benditas mãos, a dor sorriu nos vossos dedos...

Meio Dia

OURO do sol. Ouro das flores de pau d'arco.
Ouro versicolor do panorama. Tudo
De ouro na insolação do meio dia :—o charco
Em ouro reproduz o mattagal folhudo.

A claridade a arder de rutilo velludo
Flammeja, fulgurando em flammulas, no zarco
Firmamento ; e, flammeando á sombra irial, no ludo
Da floresta, são de ouro os cipoaes em arco.

O incendio do zenith a gyneceus invida...
Ha colibris em cio, e heliotrix e corollas,
Sorvendo, ás chammas de ouro, a floração da Vida!

Na pompa tropical, á hora meridia,—ardente
Midas!—tornando em ouro a selva, desenrolas
A luz, como um tapiz, maravilhosamente!

Sombra

PASSASTE—como sombra esquiva... Embóra!
O campo floresceu.
Hoje, ao rorifluo rosicler da aurora,
As flores te amam—e eu!

A' sequidão da pradaria déste
Graça primaveril...
E a ascua do sol inveja-te o celeste
Sortilegio, ó subtil!

Tua fecunda pallidez de sombra,
Com o efluvio encantador,
Ao alto coração do poeta e á alfombra
Rasteira deu amor.

Ansias e penas, que o teu gesto doma,
Incensam-te o brumal
Ebúr dos seios e o ébano da coma
Serpentina e triumphal !

Da terra ao céo remóto, de astro em astro,
Por onde quer que vás,
O meu amor, no imperceptivel rastro,
O' sombra ! sentirás...

Selene

A nuança vesperal o azul occiduo encarde...
A' surdina sem fim dos pizzicatos breves
As folhas tremem, fluindo ao sopro do euro, leves
Na penumbra lilá da paisagem da tarde...

A' Noite maternal achega-se, em tristeza,
A Selva, e em lassidão de seiva e de farfalho,
Como, a um canto de sombra, em remota deveza,
Alguem que a vida esfez em rimas e trabalho!

O horizonte, em matiz de hortensia, esmaia ; e, bella,
Vagamente a ascender ao parámo, irradia,
Alva, sobre os vergeis e as lymphas, a magia
Que á lembrança a nudez das menadas revela.

Já de leve esgarçando a tenue bruma, esplende,
Através do seu véo de lucido aranhol,
Triste, á transformação da terra que se accende
De novo a essa illusão mirifica do sol !

E—heraldica de luar no blau da immensidade,
Saudosa de Endymião, a Musa senhoril,
Selene, como em sonho, estampa, de perfil,
No exérgo da medalha—a effigie da Saudade...

Musa de Lesbos

SAPHO, radiosa de lascivia, pelas
Orlas da Grecia e pelos montes, ia,
Metrificando vicios e loquelas,
A procura de alguem, que se escondia.

Lassa de amar a eulétridas, fugia
Dos gyneceus floridos de pucelas,
A rudeza da mascula energia
Celebrando ás attonitas michelas !

Tudo sacrificando a Marte, em furia,
Nas Phalophorias, lubrica, empunhava
O enguirlandado thyrso da Luxuria !

Em vão, porém, por toda a parte, a escrava
Dos Sentidos—em impetos, á incuria
Do proprio Fauno ironico, bramava !

9 de Novembro

O Amazonas emfim teve o seu dia
De jubilo. O Eldorado resplandece.
Em cada folha a Selva se offerece
Aos luminosos beijos da Alegria !

Triumphal, é igual ás epochas preclaras
Este propicio dia—em que o Amazonas
A' frol da aguas leva, pelas zonas
Que illustra, a galanteza das Yaras !

Vestal do Symbolo, a Victoria Regia,
Alçando em luz o Calice, officia
O doce ritual da Phantasia
Pelos heroes da nossa terra egregia !

E o amazonense, como o cavalleiro
Depois da longa noite de vigilia,
Esplandecendo em cóta de ouro—a homilia
Do Amor declama para o mundo inteiro !

No Ermo

TAMBEM de magua se morre...
Este verso á mente occorre
Porque estou longe de ti...
Ah! longe, longe de ti,
No verde valle do Gy,
Este verso á mente occorre:
—Tambem de magua se morre...

Morro—porque te perdi!
No verde valle do Gy,
Onde ninguem me soccorre,
Morro—porque te perdi...

Arvores

ARVORES de São João, de ouro tremulo, bellas,
Da petrea varzea verde ardendo na paisagem,
Altas, de fronde ao sol e ao frémito da aragem,
Pennachos e pendões evocam de aguarellas.

Soberbas, sob o azul, com as rutilas umbellas
O pronubo langor da fecunda boscagem
Velando, e ao sertanista amenisando a viagem,
Esperam com donaire as chuvas e as procellas !

Atropelado foge o rio sobre as lages...
As aguas, em cachão, retumbam fundamente,
Por entre penhascaes passando como ultrages!

E ellas, flammeas, em flor, á apotheose do estio,
Dançam sicinios de alba e caryatis de poente
No recato da selva e na insania do rio...

Hypocrisia

DESESPERO contido a custo... Hypocrisia
Do espirito a florir em sarcasmo e ironia!
Desespero villão, covarde... não!—sensato...
Proprio do meu burguez desanimo pacato,
Desta quasi indolencia e desta bonhomia
Do espirito a florir em sarcasmo e ironia!

Levo-te, vida a fóra, á maneira de estemma,
De orgulhoso pennacho ou de laurea suprema
—Heroismo de vencido! Excelso desconforto!
Eu que vivo a sonhar, inutilmente absorto,
Procuro te fixar... como um succinto lemma
De orgulhoso pennacho, ou de laurea suprema!

Escondo-te no peito, enquanto o riso aflóra,
Escarlate, ao clangor da alegria sonora !
Da alegria—que é farça, e é tragedia eschyliana !
Ao esforço brutal de te conter a insana
Angustia de gritar—o odio torna-se aurora
Escarlate, ao clangor da alegria sonora !

Ninguem te viu jamais a sanie da ferida...
O rispido rancor da raiva reprimida
Retens, sereno, como um voto de paciencia,
Na do hilare Falstaff embuziada apparencia
—Rotunda em que se occulta, esquivando-se á lida,
O rispido rancor da raiva reprimida !

Apparição

OLHA-ME. E' vago o seu olhar
De placa de ouro sob o luar.

Sorri. Tristissimo sorriso
Arqueado em rictus indeciso...

Meu coração, que tanto a quiz,
Pára, sentindo-se feliz.

Desapparece de-repente...
Ah ! si voltasse novamente !

Crepusculo em São Felix

TROA, estruge, a rolar de pedra em pedra, e estoura
Em perolas, saltando, a cataracta bruta.
O zimborio da matta o sol do poente doura
E a estupenda caudal que em desespero luta.

Sob o extase do céo, da banda oppósta, loura
Arvore de São João desmaia á vista arguta...
A rocha, que minerio abscondito enthesoura,
O soluço e o fragor da agua agitada escuta.

Leves garças, em fila, alvas e tristes, lentas
E rythmicas, vibrando as asas, fatigadas,
Obrigam-me a temer a furia das tormentas...

Esmaéce, lilás da scisma, o occaso; e o rio
Saudosamente leva, entre as margens pasmadas,
A angustia vesperal do meu sonho sombrio...

Rondel

QUASE á maneira de Rudel,
Ao luar, Pierrot, sem Colombina,
Soluça, á flor da mandolina,
Os versos tristes de um rondel...

Cantando, perolas de fel
Desfia em nocturnal surdina,
Quase á maneira de Rudel,
Ao luar, Pierrot, sem Colombina...

E Colombina,—alvo mantel,
Charpa de gaze ou de neblina,—
Passa, na noite que alucina,
Pela tristeza do segrel,
Como um rondel, como um ghazel
Quase á maneira de Rudel. . .

Elegia Pagan

AROMA do vergel... Recordação da tua
Belleza excepcional... na aura do occaso vem...
Aspiro-o com volupia... E' teu corpo esse aroma!
—Teu ventre, tuas mãos, teu collo e tua coma
Eram como um rosal... Ainda me lembro bem!
Tu perfumavas o ar quando ficavas nua!

Sensual, o espelho, á noite, á luz da veladora,
Reflectia a nudez das tuas formas—tal,
Maravilhadamente, a lua encantadora,
Cultuando-a, reproduz o azebre do atascal!

Eu te olhava, pasmado ! Eu te olhava... Flammantes,
Ardiam, refulgindo, os teus bucres de sol
—Nimbo da perfeição do teu corpo de estatua !
Que era eterna, pensava, essa belleza fatua...
Essa gloria fallaz dos olhos,—arrebol,
Apotheóse, ambição, delirio dos amantes !

Costumavas alçar os braços de Aphrodita
Num gesto de cançaso e de espreguiçamento !
E ficavas, assim, tentadora e bonita,
E eu te queria mais nesse langue momento...

Para a esthesia, para a neurose do artista,
Nesse langue momento, eras a Perfeição !
—Plasmavas a visão esculptural do estheta !
Ah ! como eu te adorava, em extase de poeta !
Fito no espelho o olhar—com amor e admiração—
Sem o minimo ardor pela doce conquista.

A alcova rescendia a roseiras floradas...
As cortinas, o leito, a mobilia, o roupão,
O corpinho, o espartilho, a camisa, as rendadas
Anaguas de Malinia e a tua carnação !

Ah! morreste, amorosa infeliz... Vãos amores,
Esqueceram-te breve os amores banaes!
Si a aura do occaso guarda o teu cheiro, eu relembro
Que te foste a enterrar num dia de setembro
Quando, alegre, a cidade as estações thermaes
Percorria e a montanha enfeitada de flores...

Amanhecer no Amazonas

ROCIO e rosa. Amanhece. E' uma rosa orvalhada
O nascente. A caudal é toda rosiflor.
No crescendo da luz, á fuga da alvorada,
E' de ouro, em céo de rosa, a estrella do pastor.

Valisneria da noite a evanecer-se á flor
Do rio, phantasmal, á nebula rosada,
A yara verlainisa o diluculo—e, albor
Lunar, desapparece, emfim, na matinada.

As frondes, no verdor cambiante da folhagem,
Iriaes muirakitans semelham, na paisagem
Musical accendendo a gamma dos matizes !

Na manhan rosicler, aflante de farfalhos,
A Selva, ritualmente, á emmeleia dos galhos,
Cultúa a fortaleza heráclea das Raizes !

Clair de Lune

ELAVIFLUO, docemente
Desbordando-se do ar,
E' um rio de nepenthe
O luar.

Rio de esquecimento
—Com o enervante azulor
Acalma o soffrimento
E o amor.

Nos antros mais remotos
O sonho taciturno
Floresce—como um lotus
Nocturno.

Em toda a immensidade
O silencio arrefece
A insania da maldade
Refece.

A doce philomela
Dos tristes, a prantear,
Descanta a villanela
Do luar.

No Alto Machado

TURVO, dentro da noite, em tragica tristura,
O Machado, solemne e lugubre, decorre...
Das estrellas a luz maravilhosa escorre
Do escuro céo por sobre a sua face escura.

Faiscante, a superficie, o milagre da altura
Reflectindo, parece invertida luzeira.
Gemem, com a correnteza, ingaranas á beira
E a selva marginal, orpheonica, murmura.

Baixios e parcéis, declives de cachoeira,
Varzeas e chapadões, barrancos de barreira
Lucilam ao claror dos elfos do deserto !

Quando, á tona lethal, leguas e leguas corre,
Rumo do oceano, a luz que ao diluculo morre,
No ermo do coração tudo se torna incerto...

Hora Triste

LANGUIDA de tristeza, enamorada, pensas,
Talvez, agóra, ouvindo as queixas da saudade,
No amor que, ennobrecendo a nossa mocidade,
Jamais houve de nós humanas recompensas...

Os teus olhos talvez demóres com piedade,
O' Tanagra gentil ! Caçoula que me incensas !
Em confusa visão velada pelas densas
Brumas do afastamento e da infelicidade !

Pensas no amor que foi amor somente—sonho
Que foi um lirio ao sol jucundo abrindo o calix...
E o teu rosto de algual ensombra-se, tristonho !

Nesta hora gris pergunto ao coração :—que vales ?
Futil, o coração me responde, risonho :
—Eu sou o causador de todos os teus males.

Scena Amazonica

EM plena matta. Sombra e murmurios. A passo
Furtivo a gente avança em fila. O chefe corta,
Com o terçado, os cipós do rumo que procura.
A picada, rompendo o querulo regaço
Da floresta, e augmentando a ambição da aventura,
O'ra direita vai, óra desviada e torta.

Calado, em bagoa o suor á fronte altiva, pensa
Nuns olhos de mulher—(doce recordação)—
O chefe moço e forte. Os companheiros rudes
Seguem-no sem cuidar, talvez, na recompensa
Da coragem que os leva a atravessar paludes,
Serras e igarapés do encantado sertão !

Sopitando o cansaço e o desanimo avança,
Como um rebanho atraz do seu pastor, a gente
Que não vibra ao ritual primitivo da matta !
Elle só, elle só a estima, que a esperança
De ainda um dia admirar a belleza da ingrata,
Está em cada folha e em cada tronco ingente !

E quando emfim repousa a turma fatigada...
E os rumores da selva erram de fronde em fronde...
E os pyrilampos luciluzem na penumbra...
No delirio da ausencia a alma desesperada
Do hodierno Fernão Paes, que a Saudade deslumbra,
As euclasas do amor, dentro do sonho, esconde.

A dor do Bandeirante

VOLTA, emfim, do sertão, desilludido, aquelle
Que partira cantando á frente da Bandeira...
Da ambição, que levou, de andar a terra inteira
Atraz da Maravilha (o Amor a tanto impelle)
Só lhe resta, ao fulgor das retinas, o mal
De padecer com arte a molestia do Ideal...

Andou, por monte e val, sem bússola, a procura
Das pedras verdes—entrevistas no sol pôr...
E tantas encontrou... e tantas em loucura
Beijou... crendo beijar, triumphante, o seu Amor!

Incansavel, porém, correu montanha e pampa,
E as florestas correu, incansavel, na esteira
Da Illusão que o guiou para a planicie escampa,
Onde se dispersou toda a sua Bandeira !

Abandonado ao léo da vida tumultuaria,
Roto o gibão, frustrado o sonho, enfermo o aspeito,
Volta, emfim, do sertão, desilludido... E a varia
Cidade o acclama, enquanto, abnegado, no peito,
O heroe vencido traz, dolente, um coração
Que amou em vão, soffreu em vão, bateu em vão...

FIM

INDICE

Pags.

Pags.